

SKATE E PATINS: O IDOSO NO CENTRO DA TEMATIZAÇÃO

Jorge Luiz de Oliveira Junior

EMEF Raimundo Correia

Este trabalho se desenvolveu nas aulas de Educação Física em duas turmas de 4º anos na EMEF Raimundo Correia, localizada na zona leste de São Paulo, no distrito Jardim Helena em São Miguel Paulista, entre maio e agosto de 2015. A população é composta por sujeitos das variadas camadas sociais e a maioria é migrante da região nordeste do Brasil. Podemos dizer que, enquanto uma parte dos moradores enfrenta dificuldades no acesso a equipamentos públicos, serviços e infraestrutura, a outra parte usufrui de espaços e bens melhores. A escola funciona em dois turnos, manhã e tarde, que acolhem turmas de 1º ao 9º ano. De uma forma geral, a escola não possui uma rotatividade significativa dos docentes e funcionários. Isso é um fator interessante porque há uma maior aproximação com os estudantes e com suas famílias.

Nesse ano, o Projeto Político Pedagógico da escola e o Plano Especial de Ação (PEA), versam sobre o reconhecimento cultural da comunidade e as relações de gênero na sociedade, respectivamente. Em anos anteriores, o trabalho docente foi orientado por diferentes temas, que tinha em comum, uma base geral pautada na “Diversidade Cultural”. Esses temas trataram da cultura afro-brasileira, da cultura nordestina na região de São Miguel Paulista, da influência cultural de outros países na formação do povo paulistano, da comemoração de 35 anos de fundação da escola, entre tantos outros.

Além de dialogar com o PPP, outros motivos nos levaram à escolha desse estudo: essas práticas corporais despertam o interesse nas crianças por serem artefatos da cultura juvenil; algumas crianças possuíam patins e skates e andavam em outros espaços; as turmas já haviam estudado as relações de gênero no skate quando estavam no 2º ano com outro professor. De certa forma, as crianças conheciam bem sobre o manuseio dos materiais, mas se confundiam acerca dos saberes referentes aos artefatos.

Outras pessoas participaram ativamente na ação desse trabalho: dois bolsistas do PIBID¹ e um pesquisador doutorando em Educação. Eles apoiaram e contribuíram intensamente da maneira que lhes cabiam, na organização e na prática pedagógica.

¹ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é um projeto de iniciativa do governo federal que coloca estudantes de licenciatura em contato com o ambiente escolar, fazendo-os participar do cotidiano educacional, acompanhando e propondo ações na prática pedagógica.

Com base nessa paisagem, realizei um mapeamento acerca dos conhecimentos referentes às práticas corporais com as alunas e alunos da turma. Elaborei *slides* com uma sequência de imagens de diferentes sujeitos praticando patins e skates: meninas e meninos, profissionais, trabalhadores de supermercados etc., e em variados espaços: na rua, em locais específicos para a prática, no ambiente de trabalho, entre outras. Em uma das imagens, que tinha um casal de idosos praticando patins, as crianças reagiram: “*nossa, nunca vi um velho andar de skate*”; “*se eles caírem, eles vão se machucar*”; “*eu acho que os idosos não conseguem andar de patins*”; “*meu tio é velho e sabe andar de skate*”. Diante dessas e de outras falas, decidimos tematizar o idoso nos patins e skate.

Desse modo, o trabalho visou ampliar e aprofundar os conhecimentos relativos aos patins e skate, analisar o sujeito idoso nessas práticas corporais e compreender como o idoso é produzido na sociedade mais ampla. Registrei o trabalho em um caderno específico. A cada aula, escrevia os principais acontecimentos e algumas falas dos alunos e alunas que serviram para avaliar o trabalho em curso, para então retomar e reorientar o caminho tracejado.

Na aula seguinte, fomos à quadra vivenciar os patins e skate. Eu dispunha de dois skates e um par de patins, emprestados por amigos. Alguns alunos possuíam esses materiais e então, com autorização dos responsáveis, trouxeram à escola. Combinamos que quem trouxesse os materiais, deveriam emprestá-los aos colegas da turma, porque nem todos tinham. Ao final dessa aula, visando aprofundar os conhecimentos, sugeri pesquisas às crianças sobre os artefatos, como por exemplo: manobras, partes, estilos, equipamentos de proteção, curiosidades, dentre outras que julgassem importantes.



Como já havia tematizado o skate² com outra turma há algum tempo, ainda possuía alguns materiais que poderiam auxiliar nas aulas. Entretanto, desconhecia sobre os patins. Então, conversei com amigos, familiares e ex-alunos que praticavam patins e skate, a fim de conhecer mais sobre essas práticas corporais.

Na outra aula, um dos alunos trouxe seus patins com o equipamento de proteção (capacete, joelheiras e cotoveleiras). Então, o convidei a explicar para a turma sobre aqueles materiais. Feito isso, partimos para a vivência. Nessa aula, percebi que muitas crianças andavam sentadas, deitadas e em duplas sobre o skate. Ao final, nos reunimos no centro da quadra e conversamos sobre essas outras possibilidades ressignificadas de vivência. Sugeri que algumas crianças demonstrassem e explicassem para a turma como andaram. Elas disseram que praticaram de pé, mas que queriam experimentar outras maneiras.

No início de outra aula, uma aluna trouxe um texto relativo à pesquisa solicitada no início do estudo, que contemplou a origem do skate. A aluna responsável pela pesquisa fez a leitura para a turma e depois realizamos uma breve discussão acerca das condições de criação do artefato. Nessa mesma aula, convidei dois alunos praticantes de skate para explicar as partes do material, como também algumas manobras e gírias. Então, ambos foram à frente da sala e socializaram seus conhecimentos. Após, fomos à quadra e os mesmos meninos demonstraram algumas manobras. Nesse momento, aprofundamos alguns saberes referentes ao skate.

² Relato denominado “Skate(s) na Educação Física escolar”, disponível em www.gpef.fe.usp.br

Na aula seguinte, a fim de continuar o aprofundamento dos saberes, trouxe vídeos dos diferentes tipos de modalidades existentes no skate e nos patins para análise da turma. Propus uma atividade em que os/as alunos/as registrassem em seus cadernos os nomes das modalidades porque conversaríamos depois. No debate foi possível perceber que algumas crianças se atentaram às características das modalidades e suas finalidades.

Em outro dia, no início da aula, havia preparado um texto que tratava da origem dos patins, pois já havíamos conhecido acerca da criação do skate. Entretanto, uma aluna pediu para explicar seus conhecimentos acerca dos patins, porque segundo ela, os meninos explicaram coisas do skate e precisávamos também aprender sobre patins. Então, ela iniciou suas explicações sobre partes dos patins e ofereceu dicas de como manter o equilíbrio. Feito isso, socializei o texto que havia pesquisado.

Visando ampliar os conhecimentos da modalidade, conversei com as crianças para saber se elas conheciam pessoas praticantes das práticas corporais estudadas. Muitas delas falaram de um menino do 9º ano, Guilherme³, que sabia andar de skate. Já sobre os patins desconheciam. Nesse instante, o pesquisador que acompanhava as aulas conversou comigo e falou sobre uma prima dele que é ex-praticante de patins. Então, conversei com as crianças para ver se achavam importante convidá-la para conversar conosco e elas acharam a ideia interessante.

A semana que antecedeu a visita da patinadora, as crianças elaboraram algumas perguntas para o momento. Contamos com o auxílio das professoras regentes das turmas, porque estavam envolvidas no estudo do gênero textual “entrevistas” naquele momento.

No dia da visita, a apresentação se iniciou no anfiteatro da escola e terminou na quadra. Ana, a convidada, mostrou seus patins e seus equipamentos de proteção, comentou sobre seu início na prática e sobre suas experiências, e depois, abrimos para perguntas. Em uma delas, um aluno perguntou se quando ela andava, existia uma “briga” entre skatistas e patinadores. Ela respondeu que alguns praticantes alimentam essa rixa, porque querem demonstrar que um grupo é melhor que o outro, mas onde ela andava, não havia isso. Em outra questão, uma aluna perguntou se ela conhecia alguma pessoa velha que andasse de patins e ela respondeu que na época em que praticava, muitas pessoas idosas andavam, e bem, de patins na praça que ficava perto da sua casa.

Passada essa parte, fomos à quadra e a Ana andou de patins, ofereceu dicas de como andar mais rápido e de maneira equilibrada e demonstrou algumas manobras. Ao

³ Os nomes dos alunos e das pessoas envolvidas no estudo são fictícios, exceto o do professor e da unidade escolar.

final do encontro, ela achou o acontecimento bem interessante e ficou alegre em saber que aquelas turmas tiveram a oportunidade de aprender sobre patins e skate nas aulas de Educação Física, algo que ela não teve na época de escola.

Entre a aula que teve o encontro com Ana e a seguinte, havia conversado com alguns/as praticantes de skate que são alunos da escola, dessas e de outras turmas, de trazerem seus skates, porque muitas crianças conheciam apenas o *streetboard clássico*. O Beto, aluno do 8º ano, trouxe seu *carveboard*, a Lívia, aluna do 6º ano, trouxe o seu *streetboard tubarão* e o Leonardo, do 4º ano, trouxe seu *waveboard*. Por ser praticante de skate, ao saber dessa ideia, uma estudante do PIBID também trouxe o seu *longboard speed*.

Assim, a aula iniciou com os praticantes socializando seus conhecimentos desses “novos” skates com relação às características e diferenças entre eles, como também no estilo de andar. As crianças ampliaram e aprofundaram ainda mais seus conhecimentos. Após, fomos para o momento da vivência com o apoio constante dos praticantes.

Nessa parte da tematização, as crianças e eu conversamos acerca da produção de registros ao término do estudo. Combinamos que o registro seria um desenho e/ou uma escrita sobre o que haviam aprendido nas aulas e as impressões sobre o trabalho.

Em outra aula, os/as participantes do PIBID trouxeram vídeos com uma entrevista que eles/as próprios realizaram com seus amigos skatistas contando sobre suas experiências e seus posicionamentos com relação ao idoso nessas práticas corporais. Além disso, trouxeram vídeos baixados na internet de uma criança de dois anos de idade e de um idoso de mais de sessenta anos, ambos andando de skate. Após a análise dos vídeos, os estudantes do PIBID conduziram o debate com as crianças e explicaram que aqueles vídeos eram de pessoas reais. Os alunos e alunas acharam interessante saber que os skatistas entrevistados conhecem idosos que andam de skate e se surpreenderam ao ver um idoso e uma criança pequena andar tão bem.

Pensando em problematizar as questões sobre o sujeito idoso nos patins e no skate, preparei uma atividade em que li uma notícia⁴ publicada na internet, a qual tratava de skatistas que realizaram uma competição dentro de um asilo e os idosos que lá estavam foram os árbitros. A maioria das crianças achou a iniciativa dos skatistas bem interessante, enquanto uma menina disse: “*Aquele vídeo que a gente assistiu mostrava um velhinho*

⁴ “Campeonato de skate integra jovens e idosos em asilo de Porto Alegre”, disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/campeonato-de-skate-integra-jovens-e-idosos-em-asilo-de-porto-alegre.html>

andando de skate”. Intrigado pela respostas, perguntei a ela: “*Será que os velhinhos desse asilo conseguiriam andar de skate e de patins*”? E ela prontamente respondeu: “*Não sei professor*”. Nesse momento, eu não esperava que ela respondesse afirmativamente ou negativamente a minha questão, mas o interessante desse acontecimento foi o fato dela ter relacionado o vídeo e o texto à tematização evocada nas aulas.

Na aula seguinte, em continuidade com a problematização de questões referentes ao idoso, provoquei uma situação didática em que as alunas e alunos acessaram textos, conseguidos na internet, que tratavam da situação do idoso na cultura brasileira, oriental e indígena. Propus que as crianças, em duplas, lessem os textos acerca de como os idosos são enxergados na cultura oriental e indígena. Após um tempo, fiz a leitura de outro texto, que continha uma análise de como o idoso era produzido na cultura brasileira. Então, realizamos um amplo debate sobre os três textos. Encontramos pontos de convergência e divergência no modo como diferentes grupos culturais enxergam e consideram seus idosos. Essa situação didática também proporcionou momentos em que as crianças refletiram sobre experiências vividas. Uma cena emblemática dessa discussão foi quando uma aluna disse que passou por uma situação em que um idoso ficou nervoso com ela e sua mãe pelo fato delas terem cedido lugar pra ele no trem. Segunda a menina, ele alegou que não era velho e que isso era falta de respeito. Esse instante foi propício para que conversássemos sobre o nosso desejo em permanecer jovens, por meio de tratamentos estéticos e cirúrgicos, porque envelhecer, como vimos no texto, não é algo bem aceitável em nossa cultura.

Os alunos e alunas permaneceram animados em continuar o estudo mesmo com a chegada do recesso escolar. Desse modo, na aula seguinte ao período de recesso, trouxe dois livros infantis que abordavam o assunto, chamados “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” e “Avós”. O primeiro trata de um menino que mora perto de um asilo e que foi conversar com os seus habitantes, na busca em ajudar uma velhinha que lá estava a recordar suas memórias. O segundo versa a história de um casal de idosos, onde o velhinho convida sua esposa para ir ao baile da cidade e ela sempre encontra um motivo, relacionado à velhice, para não ir. Com os livros em mãos, fomos para um espaço na escola em que há um gramado sintético e nos acomodamos em círculo. Após cada leitura, debatemos sobre o conteúdo e relacionamos ao que havia sido discutido até o momento. Um ponto de destaque nessa situação didática foi que um aluno falou: “*nunca vi um professor de Educação Física fazer a leitura de um livro de histórias antes*”. Isso, de certa

forma, causou um efeito na representação dessas crianças no que diz respeito às aulas de Educação Física, de que não são somente práticas e vivências.

Como havia convidado a Mariana para socializar suas experiências e conhecimentos de patins com as crianças, convidei também o Guilherme, do 9º ano que é skatista, para compartilhar suas experiências. A dinâmica foi diferente com relação à visita da Ana, porque as crianças elaboraram as questões no momento do encontro. Ele nos contou que treina todos os dias e que está buscando patrocínio de uma loja da região. Também falou do preconceito que os skatistas sofrem por parte de algumas pessoas e que não conhecia nenhum velho que andava de skate, mas que já tinha ouvido falar dos seus parceiros que já viram idosos praticarem skate em algumas pistas. Ao final, fomos para a parte externa à quadra e ele demonstrou alguns gestos e manobras e contou com o apoio de alguns alunos praticantes das turmas.

Na aula seguinte, nos propusemos a elaborar o registro combinado anteriormente. Algumas crianças sugeriram formar pequenos grupos e registrar em folhas cartolinas porque teriam mais espaço para desenhar e escrever. Solicitei ideias de como poderíamos reunir esse material e algumas alunas argumentaram que poderíamos montar um “livro grande”. Os registros foram variados e continham as partes do skate e patins, nomes de algumas manobras estudadas, gestos, gírias, estilos, modalidades, origem de ambas as práticas corporais, impressões das aulas e representações de meninas, meninos e idosos andando de patins e skate.

No último momento do trabalho, realizamos uma conversa ampla sobre o estudo dos patins e skate. Uma aluna demonstrou satisfação em estudar coisas que ela não conhecia: *“Aprendi muita coisa do skate e de patins que eu nem sabia que existia”*. Outro aluno falou: *“Tem velhinhos que conseguem andar de skate, mas não são todos não. Mas não pode ter preconceito”*. Outra criança disse: *“Eu gostei da história dos velhinhos que você leu pra gente”*. Essas falas me auxiliaram a visualizar o caminho percorrido até o momento.

Ao final do projeto, observei que as crianças do 4º ano participaram de diferentes situações didáticas de problematização, aprofundamento, ampliação, ressignificação, registro e avaliação dos conhecimentos referentes às práticas corporais. Um ponto que merece destaque foi o fato das crianças terem tido contato com alunos praticantes de outras salas e com representantes das modalidades. Outro ponto interessante foi o constante diálogo ao longo do estudo, ora para decidirmos os rumos do trabalho, ora para resolvermos os conflitos e argumentarmos com os colegas.

Enfim, considero que esse estudo contribuiu para aprofundar os conhecimentos relativos ao skate e patins e para ampliar os significados acerca das possibilidades de prática dos idosos nessas práticas corporais, como também na compreensão de como os idosos são produzidos na sociedade mais ampla.